

PETROLINA, PE, 26 DE SETEMBRO DE 1997

*Excelentíssimo Senhor Vice-Presidente da República, Dr. Marco Maciel; Meu Amigo, Governador Miguel Arraes; Meu Companheiro, Senador Antonio Carlos Magalhães, Presidente do Senado; Senhores Governadores que aqui se encontram; Doutor Gustavo Krause, Ministro do Meio Ambiente; Senhores Ministros de Estado; Deputado Osvaldo Coêlho; Senhora Maria Tereza Coêlho de Souza, Senhores Senadores, Deputados; Senhor Prefeito Guilherme Coêlho; Senhor Presidente da Codevasf, Airton Bezerra Lopes; Senhores Deputados, Prefeitos, Vereadores; Senhoras e Senhores,*

Eu não posso me furtar à emoção. É, de fato, a terceira vez que piso nestas paragens, que venho ver mais de perto o que significa, para este semi-árido do Nordeste, a irrigação. Confesso que, como paulista, no começo tinha dúvidas. E a melhor maneira de tirar a dúvida, como disse o Deputado Osvaldo Coêlho, é ver de perto.

Desde que vi, desde que senti a força desta região, desde que olhei este povo sofrido, mas com esperança, desde que percebi que aqui já existe uma realização, que se pode modificar, não fiz outra coisa, nestes quase três anos de governo, senão perguntar, apoiar, exigir, pedir mais.

E o Ministro Krause é testemunha de quantas vezes eu falei a respeito desta área, de Petrolina, de Juazeiro, do semi-árido em geral, porque creio, tenho convicção, absolutamente tranqüila, de que, realmente, a califórnia de verdade, a califórnia do próximo século está aqui. E está aqui como realidade palpável.

Hoje, ao inaugurarmos essa nova área que se integra ao projeto que leva o nome de Maria Tereza e ao escutar a outra Maria Tereza, me deu saudade do velho Nilo Coelho. Quando cheguei ao Senado, ele era Presidente do Senado. Eu era Senador. Diziam que eu era jovem, mas nunca fui tão jovem quando cheguei ao Senado. Eu sou como o Miguel Arraes: o tempo passa e a gente vai resistindo. Quando cheguei ao Senado, estava na oposição. Nilo era baluarte do Governo. Tornamo-nos amigos. E o que digo aqui está registrado nos anais do Senado, em meus discursos de reconhecimento pela grande figura que foi Nilo Coelho.

Aqui foram proferidas duas palavras, no meio de tantas, que sintetizam o que eu quero expressar: obstinação e sonho. Nilo era obstinado e sonhava. Mas creio que Nilo encontrou um sucessor, que é, talvez, mais obstinado do que ele e que continua sonhando, que é o Osvaldo. E é graças a isso, é graças a esse amor a esta terra, que – como Osvaldo descreveu a meninice dele, filho de fazendeiro, mas próximo daqueles que estavam ali, trabalhando, e que não tinham nem condições de sobrevivência – vê-se qual é a motivação que pode permitir aos políticos ver um pouco além do interesse imediato e sentir aquilo que é fundamental: o futuro que se desenha e a solidariedade necessária para mostrar ao País que nem só daqueles que já estão acomodados na vida se faz o futuro. Pelo contrário, o futuro depende da inclusão daqueles milhões que não tiveram, sequer, a possibilidade de sonhar.

Hoje, aqui, nós estamos vendo o encontro da obstinação, da esperança e do sonho com a realidade. Recentemente, conversando com o Governador Miguel Arraes, ele fazia uma comparação entre o Brasil e outros países. Falava da China e sempre com aquela pontinha de provocação para mim, porque sou do Sul. Dizia que quem não entendesse o Brasil como a China não sabe que há um Brasil pujante, crescente e, por outro lado, um Brasil sofrido, quase sem esperança. E é verdade.

Só que o que nós estamos fazendo agora é um encontro entre esses dois Brasis. Nós não podemos continuar conformados com um Brasil que tem a prosperidade e a miséria. Nós temos que construir um Brasil em que a prosperidade continue, em que não haja mais miseráveis. E um Brasil sem miseráveis não é o Brasil simplesmente do protesto. É o Brasil da construção. Para incluir gente na vida organizada, no trabalho, na educação, na escola, que tenha hospitais, etc., é preciso muito investimento. Isso aqui é um exemplo. Sem muito investimento, não se avança.

E esse investimento não há de ser só do Governo. É preciso que haja uma parceria, que haja um investimento que articule as forças do Governo com as forças da sociedade e as forças da sociedade entre si e que dessa articulação nasça uma aliança que não seja para repelir os que necessitam, mas que, pelo contrário, seja para incluí-los num projeto de decência, de democracia e de dignidade.

Agradeço, portanto, a lembrança que a família Coêlho teve de me dar este poema, que vem numa caixa com as flores do agreste e que vem emoldurado em dourado, para que nós vejamos que o agreste tem muita esperança, que o agreste não é mais desolação. O Agreste, agora, começa a ficar verde, começa a ser o Brasil do amanhã, que começou hoje, aqui, em Maria Tereza.

